

1. *The Social Composition of a Colonial Nunnery. A Case Study of the Convent of Santa Clara do Desterro, Salvador-Bahia, 1677-1800.* Occasional Papers N.º 6 New York: New York University, 1973, 16 pp.
2. *A Baroque Nunnery: The Economic and Social Role of a Colonial Convent Santa Clara do Desterro, Bahia (1677-1800).* New York University, tese de doutoramento orientada por Warren Dean, 1974. Xerox University Microfilms, Ann Arbor, Michigan, 48106.
3. "The Social and Economic Role of the Convent: Women and Nuns in Colonial Bahia, 1677-1800" separata do *Hispanic American Historical Review*, V. 54 N.º 2 May 1974 pp. 209-232.

A autora conseguiu reunir o interesse pelas ordens monásticas e pela mulher — aspectos marcantes da historiografia contemporânea. Até hoje, os conventos eram estudados como instituições religiosas, em seus princípios doutrinários e através das figuras representativas. Atualmente, são estudados sob a perspectiva de uma opção profissional e através de sua estrutura social e econômica, das funções que tinham para seus membros e para a comunidade. A pesquisa deixou de ser feita nas obras teológicas e encomiásticas e livros de orações, para analisar os arquivos das instituições, os regulamentos, a correspondência, a contabilidade, as aplicações de capital.

Nestes trabalhos examinados e ainda num quarto, a que não tive acesso (*Flagellants and financiers — The social and economic role of the Convent in Bahia Colonial Society: 1677-1800.* Annual meeting of the American Historical Association, New Orleans, 1972), a autora baseou-se em pesquisas no arquivo do Convento e nos Documentos Históricos do Arquivo Municipal da Bahia, que revelaram uma realidade surpreendente, bem distante dos votos perpétuos de pobreza e castidade de

Santa Clara de Assis, quando fundou em 1212 a comunidade das Clarissas — mulheres que se reuniam para cumprir a sua vocação religiosa.

O Convento de Santa Clara do Desterro foi o primeiro criado no Brasil, para satisfazer a elite de Salvador (através de um contrato entre a Ordem Religiosa e a Câmara Municipal), pois desejava um lugar honroso para as filhas, sem os custos e perigos que representavam a travessia do Atlântico, em busca dos conventos da Península Ibérica. De 1677 a 1733, foi o único existente no Brasil, e suas componentes provinham de um grupo selecionado de famílias interrelacionadas. Eram os mesmos os nomes das mulheres que dominavam o Convento, dos membros da Misericórdia, dos participantes das Irmandades de prestígio, do Conselho Municipal, da burocracia real e dos altos oficiais da Milícia.

Apesar de a documentação do cartório pouco esclarecer a respeito das camadas inferiores do convento (as freiras de véu branco, as educandas e as servas), permanecendo dúvidas sobre se eram filhas de imigrantes recentes, sem muitos laços de família; se eram parentes pobres ou distantes das freiras; qual o sentido de ser uma "criada" numa sociedade escravocrata; se proviriam de uma classe de brancos pobres — sabe-se que só em 1720 entraram no Convento as primeiras mulatas e negras, embora a bula papal que o criou admitisse de início essa categoria. As freiras de véu branco, reclusas seculares (recolhidas) não prestavam votos e seu dote era a metade do das de véu negro. Deviam ser capazes de se sustentar e sabe-se, apenas, que eram analfabetas, tinham menos prestígio e, em geral, eram mulheres modestas, sem um provedor masculino, desencorajadas pelas exigências de dote e certificado de pureza de sangue.

No caso das camadas superiores (as 50 freiras de véu negro) exigia-se, para admissão ao Convento, uma certidão de batismo, uma certidão de pureza de sangue, uma certidão de cristianismo e o pagamento do dote. Eram constituídas pelas filhas dos senhores de engenho de Salvador e do Recôncavo, algumas filhas de comer-

ciantes e raras de lojistas ou artesãos. A paternidade ilegítima não era considerada impedimento à admissão.

A atitude autocrática do pai de família levava-o a obrigar a filha a casar com determinado homem (havendo uma tendência a casamentos entre filhos de senhores de engenho e de criadores de gado) ou a colocá-la no convento. Teoricamente, esta última solução correspondia a uma renúncia ao mundo secular e a dedicação ao serviço de Deus, correspondendo ao estereótipo da mulher luso-brasileira de ser pura, passiva e enclausurada. Na realidade, a esse conceito ideal — a pobreza, a viuvez e a ausência de um marido aceitável levaram muitas mulheres à administração de engenhos, canaviais, fazendas de gado, quando não as levaram ao Convento. Muitos pais achavam a reclusão do Convento preferível ao casamento, pois a filha podia exercer a maternidade, a educação, a administração e a arte sem os inconvenientes de um marido indesejável. Além disso, os altos dotes das freiras de véu negro transformavam o Convento numa instituição de crédito, a que os senhores recorriam proporcionalmente às filhas que lá mantinham. Verificou-se, também, que a vida no convento proporcionava iniciativas individuais, independência e auto-realização que a mulher colonial desconhecia tanto junto ao pai, quanto junto ao marido.

Além disso, as freiras viviam rodeadas pela família, por amigos e até escravos. Estavam longe de ser inativas — tem-se notícia de administradoras de bens e propriedades, educadoras, além de diversos casos de amores ilícitos.

Essas condições, extraídas dos documentos, levaram Susan Soeiro a considerar o Convento do Desterro uma instituição barroca, no sentido de tentar conciliar condições antagônicas: tanto no estilo, quanto na essência. Lá encontravam-se um ascetismo austero aliado a uma imoralidade flagrante. Enquanto a elite de Salvador se preocupava com a hospitalidade e a religiosidade, fazia exibição da posição social e da herança familiar. O Convento ocupava-se em fazer empréstimos e multiplicar suas propriedades, enquanto pregava a pobreza. A reforma realizada em 1756 dá uma medida da frouxidão da disciplina imperante e da carência de vocação religiosa da maioria das reclusas.

Embora a autora sublinhe que a população do Convento não refletia, de maneira alguma, a população da cidade de Salvador, no período estudado, a revelação da vida das mulheres reclusas no Desterro não só desvendava aspectos inéditos de parte da população, como sugere uma série de problemas por pesquisar.

Miriam Lifchitz Moreira Leite